

# Jesús Martín-Barbero

## As formas mestiças da mídia

Pesquisador fez da América Latina laboratório de uma original teoria da comunicação num mundo globalizado

MARILUCE MOURA

**O**vasto auditório do Memorial da América Latina, com 870 lugares, estava lotado na tarde da segunda-feira, 17 de agosto. Viam-se sobretudo rostos jovens emergindo na quase penumbra da plateia, e era isso o surpreendente: difícil entender de primeira por que tantos deles tinham livremente decidido participar da instalação do Fórum Permanente dos Programas de Pós-Graduação de Comunicação do Estado de São Paulo, programação no mínimo um tanto aborrecida para fases e tempos inquietos da vida. Registre-se, a propósito, que em São Paulo estão hoje 14 dos 34 programas de pós em comunicação existentes no país. Sem sinais explícitos de impaciência, enquanto se sucediam as falas dos integrantes da mesa, a verdadeira expectativa que dominava o auditório, entretanto, era a aula magna do professor Jesús Martín-Barbero que abordaria a comunicação no presente.

Barbero começou a falar e logo lançou a pergunta de caráter epistemológico sobre “como pesquisar a comunicação hoje”. Entrou pelo conceito moderno de incerteza e suas raízes fincadas na lógica difusa (ou lógica *fuzzy*), passou por Merleau-Ponty e sua descrença nas leis da história, declarada em 1956, junto com a afirmação de que a história só é pensável em termos de ambiguidade, e deteve-se no medo que hoje nos provoca um conceito novíssimo de informação, o da informação genética.

O professor passeou o olhar pelas metodologias de pesquisa em comunicação fundadas no estruturalismo, no

marxismo e no funcionalismo e aportou no ecossistema especial em que os homens contemporâneos veem e são vistos (algo como o “terceiro entorno” de Javier Echeverría ou o “bios midiático” de Muniz Sodré). Estava na seara da imagem sob todas as formas, no campo especial da comunicação já nem tanto concebido a partir de um conjunto de meios e aparelhos que se transformam, se desfazem e refazem “ante nossos olhos”, mas tateado com uma atenção especial para a internet e o computador, que trazem “algo de radicalmente novo” à história dos homens. Um “algo”, para Barbero, jamais comparável à imprensa, ao avião ou a qualquer das máquinas fundamentais das mais conhecidas revoluções tecnológicas, e comparável, como quer Roger Chartier, à invenção do alfabeto. Algo radical a ponto de assinalar uma divisão entre épocas – ou eras. “Estamos na crise. O velho já morreu e não conhecemos ainda o que está por vir”, Barbero disse, trazendo Gramsci para a plateia.

Na véspera ele já dissera à *Pesquisa FAPESP* que os meios e os gêneros que os meios produzem estão sendo reinventados à luz da interface da televisão com a internet, numa interação e contaminação que desestabilizam os discursos próprios de cada meio e criam o que ele tem nomeado de “as formas mestiças da comunicação”. Formas um tanto incoerentes que atuam transversalmente em todos os meios.

Esse homem de quase 72 anos é, como apresentou Maria Immacolata Vasalo Lopes, coordenadora do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade de São Paulo (USP), um

“cidadão latino-americano nascido na Espanha”, em Ávila. Barbero escolheu a América Latina como lugar para viver e sobre o qual pensar muito cedo, quando a Espanha, sob a ditadura de Francisco Franco, “era um lugar muito triste”.

Autor, entre outras obras, do já clássico *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (Editora UFRJ, 5ª edição, tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides), *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas de comunicação na cultura* (Edições Loyola, 2004, tradução de Fidelina González) e *Os exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*, este em coautoria com Germán Rey (Editora Senac, 2004, tradução de Jacob Gorender), Jesús Martín-Barbero é doutor em filosofia pela Universidade de Louvain e pós-doutor em antropologia e semiologia na Escola de Altos Estudos em Paris. Em seu currículo, há que se destacar a criação do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidad del Valle, Colômbia, que se transformou em Escola de Comunicação Social, e suas atividades de professor e pesquisador nas universidades Complutense de Madri, Autônoma de Barcelona, de Guadalajara e na Escola Nacional de Antropologia e História do México. No segundo semestre de 2008 foi professor visitante na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Hoje é professor e coordenador de pesquisa da Faculdade de Comunicação e Linguagem da Universidade Javeriana de Bogotá. A seguir, os principais trechos da entrevista (*ver a versão mais completa no site [www.revista.fapesp.br](http://www.revista.fapesp.br)*).



FOTOS EDUARDO CESAR

■ *Eu gostaria de começar esta entrevista lhe perguntando como falar de comunicação hoje. O que é, em seu olhar, a comunicação?*

— Há basicamente três maneiras de focar a comunicação em nosso mundo latino-americano: as duas primeiras estiveram em contraposição. Partimos da visão hegemônica que dois pesquisadores norte-americanos construíram no fim da Segunda Guerra Mundial, com base em um profundo mal-entendido: um engenheiro de telefonia chamado [Claude] Shannon teve a ousadia de chamar teoria geral da comunicação a um livro que fala de economia da transmissão de informação, ou seja, como fazer para que a transmissão de informação tivesse o menor ruído possível e durasse o menor tempo possível, portanto, com a menor redundância possível. Essa proposta de um engenheiro de telefones, manipulada por [Harold] Lasswell e [Paul] Lazarsfeld, se converteu na grande teoria da comunicação. Quando voltei à Colômbia em 1973, depois de meu doutorado, entrei no campo de comunicação e o encontrei identificado com essa concepção de transmissão de informação — ora, à luz do que vejo, a comunicação está nos modos de se comunicar das pessoas nas ruas, na casa, na igreja, na praça — nada tinha a ver com a ideia de transmissão da informação como estava proposta. De maneira que entro nesse campo — em castelhano se diria — “como um burro na cacharrería”.

■ *Mas quando Lasswell e outros fizeram essa proposta, eles não tinham uma clareza de que havia uma distância enorme entre uma teoria proposta para a engenharia e aquilo que se dava no campo humano das comunicações?*

— Shannon pensou seu objeto. Os que nos armaram uma armadilha foram Lasswell e Lazarsfeld, que passaram a estudar com base nessa teoria os grandes fenômenos de opinião pública, por exemplo, a grande propaganda para convencer as mães norte-americanas a aceitarem que seus filhos fossem lutar a guerra contra Hitler na Europa. O primeiro estudo foi esse e depois vieram vários outros baseados nessa concepção de destinador/destinatário, fonte, canal etc. Era o que cabia no esquema. Para mim, o mais terrível foi se identificar comunicação com transmissão, um conceito muito mecânico. Portanto, os dois propuseram uma concepção que depois chamamos de instrumental, o meio era um instrumento. E a elaboração dos marxistas, mais adiante, caiu na mesma armadilha, com a noção reduzida dos meios para manipular a consciência.

■ *Como, ao voltar de seu doutorado em filosofia na França, em 1973, acontece seu interesse pela comunicação?*

— Foi uma mescla de conjuntura e circunstâncias. Primeiro, a conjuntura: voltei à Colômbia apaixonado pela filosofia contemporânea. Fui aluno de Paul Ricoeur e de Maurice Merleau-Ponty que, para mim, foi o grande filósofo ocidental do século XX – não foi [Martin] Heidegger ou [Richard] Rorty. Ele inverte o olhar ocidental porque inclui o corpo como o grande tema da filosofia. Mas não havia nenhuma universidade em Bogotá que me permitisse continuar nesse percurso, eu teria que seguir falando de Aristóteles, de ética etc. Quanto à circunstância, aquela que é minha esposa hoje estava estudando comunicação em uma faculdade que começara havia pouco. Era uma pequena universidade privada, mas reunira um grupo de loucos que tinham lido algo de Roland Barthes, de Lévi-Strauss e queriam fazer alguma coisa, ainda que não soubessem muito bem o quê. Conversei com eles, lhes levei todos esses livros que queriam e outros que enchiam duas caixas que tinham chegado de barco da Europa. Eles me propuseram abrir uma área nova de pesquisa na faculdade. Aceitei e a organizei com dois semestres de linguística, dois de semiótica e dois de estética. Aí vem a segunda circunstância: podia-se aplicar de diferentes maneiras aquilo de que obtínhamos informação, mas aprendi ali que estudar comunicação era estudar meios: imprensa, rádio – pouquíssimo –, cinema, visto como forma de arte, e a televisão, que era, digamos, “a prostituta da calçada”. Naquele momento as grandes emissoras de televisão na América Latina, nos melhores horários, tinham uma programação toda norte-

americana, e havia aquele discurso do império cultural etc. etc. Em suma, tínhamos que tratar de meios modernos, contemporâneos, e estudar meios tinha então basicamente duas formas: economia política dos meios e leitura ideológica das mensagens.

■ *Eram as vias propostas pelo marxismo, pelo estruturalismo...*

— Sim, eram os métodos que propunham para ler como a ideologia dominante domina. A mim isso sempre pareceu muito estreito, porque já sabemos que a ideologia dominante é a da classe dominante, e o que a classe dominante faz é dominar do jeito que puder. Reprimindo, às vezes, como fez, por exemplo, na América andina em 1977, em episódios que contribuíram bastante para a criação da Associação Latino-americana de Pesquisadores de Comunicação (Alaic). Aliás, quando [Héctor] Schmucler fez na Universidade Autônoma Metropolitana (UAM-Xochimilco), no México, o I Encontro Latino-americano de Escolas de Comunicação, fiz ali uma conferência que marcou toda a minha vida. Porque eu disse coisas que acreditava elementares, mas eram grandes blasfêmias, tanto para nossos funcionalistas quanto para os marxistas estruturais.

■ *Por exemplo...*

— Esta frase: e se, em lugar de pensar a comunicação como dominação, pensássemos a dominação como processo de comunicação? Porque Gramsci me ensinou que a dominação é de dois tipos. Primeiro, há a repressão bruta, os tanques e tal. E

dei um exemplo que guardei para sempre: essa dominação é como a relação entre a bota do militar e a barata, entre uma e outra não pode haver uma relação senão de esmagamento, e a barata tem que correr. Mas Gramsci nos ensinou também a noção de dominação como hegemonia, e a hegemonia é feita de cumplicidade, de sedução, de fascinação. E há que se pensar sobre “o que, nos dominados, trabalha a favor do dominador”.

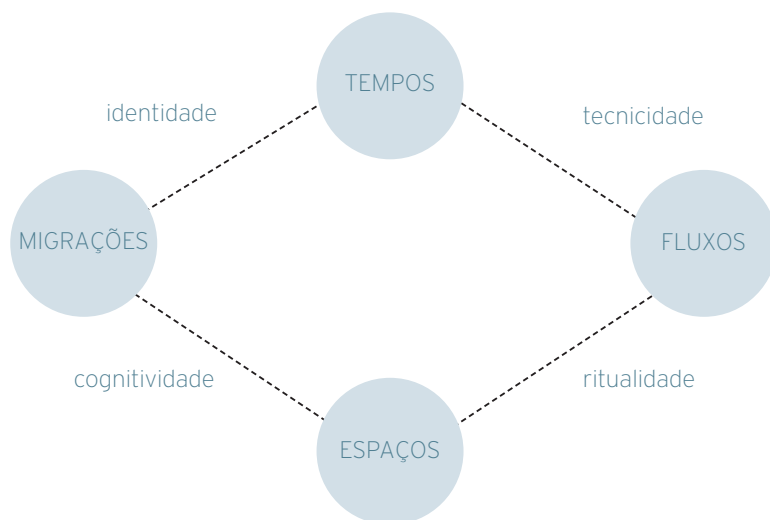
■ *Foi um escândalo!*

— Sim, começaram a dizer que, não bastasse a exploração, eu ainda queria tornar os pobres culpados da dominação. E então lhes disse que o problema na comunicação era justamente os meios terem sido esmagados na queda produzida para explicar economicamente o seu funcionamento. E ainda se ter inferido dessa explicação econômica as análises das mensagens, as análises dos discursos. Mas quero ser justo: isso teve muito a ver com o percurso da teoria da dependência no desenvolvimento do pensamento social latino-americano. Para mim, a teoria da dependência é um pensamento bastante complexo, mas à comunicação se aplicou um pensamento muito menos complexo.

■ *Ou seja, ao se usar a teoria da dependência também para entender a comunicação e o funcionamento dos meios, terminou por se empobrecer nesse âmbito a própria teoria.*

— Sim. Veja, eu sempre tomei Paulo Freire como um autor-chave da teoria da dependência. Há um livrinho não traduzido para o português que fiz para uma coleção latino-americana chamada *La Educación desde la Comunicación*. E há nele um capítulo de minha tese sobre a concepção de comunicação que havia em Paulo Freire. Penso que Freire tem que ser incluído na história dos meios culturais, os estudos latino-americanos não podem alijá-lo, porque se há quem agregue a noção de cumplicidade do oprimido, se há quem a percebeu fenomenologicamente na vida cotidiana, é Freire. Tive a sorte de conhecer muitos que fizeram a teoria da dependência, Teófilo dos Santos, por exemplo, e eles tinham uma concepção de economia muito menos economicista, muito menos de fundo positivista, do que os leitores dela no campo da comunicação. Mas resumindo: primeira concepção, comunicação como transmissão, e segunda concepção, os meios tomados de forma muito empobrecida, porque se tratava de economia política e análise de

### Um mapa para investigar as mutações culturais





mensagem. Evidentemente, era o que se podia fazer naquele tempo.

■ *E a terceira concepção de comunicação, em que não entramos até aqui?*

— Deixo de lado as brigas em que entrei para introduzir a ideia de que a comunicação de massa era mais ampla que os meios, e que os meios não podiam ser pensados só em sua economia e ideologia, tinham que ser relacionados com a cultura cotidiana da maioria – portanto, havia grandes mediações que vinham de formatos históricos, de matrizes culturais. Assim saltamos ao contemporâneo. Em resumo, travou-se uma luta entre uma concepção positivista e uma outra concepção muito mais fenomenológico-antropológica, que envolve Nestor Canclini e todo o pessoal que foi forçando a entrada dessa nova visão a partir de outubro de 1983 – uma data-chave. O que aconteceu foi um encontro entre estudiosos de comunicação e de ciência política, crítica literária e arte, propiciado pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clasco), em Buenos Aires, num momento muito rico de retorno da Argentina à democracia.

■ *E então começam a se desenvolver as ideias que vão aparecer em seu livro de 1987, *Dos meios às mediações*.*

— Essas ideias começaram sete anos antes. Eu tinha ficado por um ano e meio naquela pequena universidade para onde fora em 1973. Então a Universidad del Valle, a mais avançada da Colômbia, em Cali, me convidou para que eu fundasse um departamento de ciências da comunicação. Criei um departamento no qual estavam as ciências sociais, a economia, a sociologia, a ciência política e reuni alguns dos melhores sociólogos, politólogos, historiadores que havia no país.

Armamos um plano de estudos no qual as ciências sociais iriam pensar, pesquisar os meios, os processos e as práticas de comunicação. Fiz isso por cima de todas as escolas de comunicação, que eram as de jornalismo, publicidade e relações públicas, o que as colocou em rota de colisão comigo e pôs em crise o Ministério da Educação. Isso porque o diretor da instituição, que dentro do ministério era responsável pela aprovação dos planos de estudos, se encantou com o projeto e decidiu defendê-lo. E aprovaram o plano de estudos! Quero dizer que a segunda “cara” desse departamento foi muito importante, porque a imprensa em Cali era muito ruim, e então atendi os alunos, que me pediram cursos de música e cinema. Cali era a cidade da salsa, e fazia e segue fazendo filmes! Quase metade dos alunos estudava no conservatório de música e o que interessava às pessoas era rádio, que tem a ver com música e com realidades populares, e cinema. Fiz, assim, uma composição tão explosiva que na primeira reunião, em Lima, para a criação da Alaic, em que eu era um dos três conferencistas convidados, junto com um chileno e um peruano, quase me lincham. Na verdade, eu passei 10 anos na Colômbia muito ilhado. Eu vinha ao Brasil, ia à Argentina, ao México, aos Estados Unidos, a Barcelona, mas na Colômbia ninguém queria saber nada de mim. Fizeram-me uma guerra.

■ *Quando foi seu primeiro contato com a América Latina?*

— Em 1963, quando eu era professor de filosofia na Espanha, fui à Colômbia num programa de intercâmbio de professores, e lá entrei em contato com aqueles anos loucos, divinos, tempo da teologia da libertação etc. Era muito forte o debate cristão-marxista na Colômbia, aliás tendência da igreja em toda a América Latina, e me encarregam de uma fundação cristã, mas para criar uma revista de debates. Então eu vivi o processo de Camilo Torres, a discussão da guerrilha, o debate na universidade nacional, traduzimos textos de [Louis] Althusser etc.

■ *Mas por que um espanhol formado em filosofia se deixou seduzir pela Colômbia e pela América Latina?*

— Primeiro, o franquismo era horrível, muito triste, excessivamente estreito. Eu nasci e vivi em Ávila, um povoado pequeno junto a Madri, e tive a sorte de ter meus amigos desde a infância por lá. E esse meu grupo importava discos da

América Latina, era ligado nessa música muito parecida à andaluz, e que era afim a nossa música, porque o franquismo utilizou o folclore andaluz para convertê-lo na música da Espanha. No começo dos anos 1960, eu estava esperando uma bolsa para doutorado em Paris, quando soube que estavam pedindo professores de filosofia na Colômbia. Fui. Fiquei por cinco anos, vivi a aventura apaixonante de criar um espaço de debate cristão-marxista na universidade.

■ *Mas voltando à teoria...*

— Só para lembrar, a segunda abordagem da comunicação entre nós é a versão latino-americana do que nos vinha dos Estados Unidos e da Europa ou o funcionalismo dos Estados Unidos traduzido em funcionalismo marxista. Há um texto famoso de Eliseo Verón que se chama *O funcionalismo marxista*. Mas podemos voltar a *Dos meios às mediações*.

■ *No livro há um esforço para ir buscar lá no começo do século XX os fundamentos da radionovela, do cinema latino-americano. Como se processa esse diálogo entre teoria e história da comunicação?*

— Foi ao escrever a introdução para a quinta edição que percebi que fiz esse livro para as ciências sociais. Ou seja, a comunicação estava tomando uma tal envergadura que ia se tornar algo central no mundo e eu queria transformar os estudos de comunicação. Na América Latina tinha sido passada uma ideia demasiado técnica do que é comunicação. No livro situo o grande debate sobre a cultura popular, depois mostro como se estudou isso e, na terceira parte, falo da América Latina na história política da comunicação “popular”. Ou seja, como reagiram os populismos históricos, sob Getúlio Vargas, Perón, Cárdenas etc. Estes, sim, foram capazes de perceber o potencial de criação, à sua maneira, de cidadania com as massas urbanas.

■ *Como sua teoria avança para dar conta do conceito de comunicação depois dos anos 1990?*

— As ideias do livro começam a funcionar entre os alunos com uma pesquisa que eu coordeno no final dos anos 1980 sobre a telenovela em toda a América Latina. Fui ao México, Peru, Chile, Argentina e Brasil. Li um montão de livros do Brasil. Aliás, pediram-me e fiz um balanço trabalhoso que apresentei no IV Intercom com o título “O que os estudos de comunicação na América Latina

devem às ciências sociais brasileiras”. E é muito o que devem a Octavio Ianni, a Milton Santos, a Renato Ortiz, a Roberto da Matta, à coleção O Nacional e o Popular na Cultura Brasileira, de vários autores... Mas essa pesquisa a que me refiro é a que torna explícita a maneira como os estudiosos de comunicação latino-americanos leram meu livro. Ou seja, leram desde o descobrimento do sujeito, do ator do processo, que é o receptor. Ou seja, contra a visão positivista, a descoberta era que o receptor reagia!

■ *E aí, quando Immacolata vai para a casa do receptor de novela, ela leva seu trabalho por essa mesma via no Brasil.*

— Immacolata foi a pessoa que instaurou no Brasil a perspectiva do estudo das mediações para poder entender o processo inteiro. Já não se tratava do “por um lado, a política...”, “por outro lado, a audiência”, não, podíamos pensar tudo junto. Esse aporte é um feito: a investigação da telenovela aproveita meu aporte começando a atribuir valor à figura do sujeito. O sujeito da comunicação não é o meio, mas a relação. Importante não é o que diz o meio, mas o que fazem as pessoas com o que diz o meio, com o que elas veem, ouvem, leem... Esta é a mudança. E isso foi o que realmente produzi, o que propus. A telenovela vai ser ao mesmo tempo como que a demonstração da minha teoria – está lá a importância da cultura popular, dos formatos populares, dos gêneros populares para entender os meios, entender a comunicação – e a via para que se comece a estudar o contexto local, quando para aquele marxismo catequético a ideologia era a mesma na Europa, nos Estados Unidos ou na América Latina.

■ *No trânsito dos anos 1990 ao presente, queria saber da crítica de seus amigos no sentido de que talvez já fosse hora de retornar “das mediações aos meios”.*  
— Essa crítica de dois amigos eu respondi no prefácio à quinta edição.

■ *Gosto particularmente neste prefácio de seu mapa das mediações e deste trecho [respectivamente páginas 16 e 14]: “Mais do que substituí-la [a política], a mediação televisiva ou radiofônica passou a constituir, a fazer parte da trama dos discursos e da própria ação política”.*

— Que proponho com o mapa? Eu sei que os meios estão tendo um protagonismo cada vez maior. A televisão já não é simplesmente uma ajuda à política, é

a própria política, a política se faz na televisão, há muito menos rua para a política. O prefácio saiu originalmente em 1998. Aqui aceito a proposição de meus amigos, dizendo: “a investigação agora já não será sobre as matrizes culturais da comunicação, mas sobre as matrizes comunicativas da cultura [...]”. Naturalmente o computador pessoal levava a essa mudança, mas aqui há uma pergunta, um esboço para entender o que eu estava propondo. Digo: “Como assumir então a complexidade social e perceptiva que hoje reveste as tecnologias comunicacionais, seus modos transversais de presença na cotidianidade, desde o trabalho até o jogo, suas intrincadas formas de mediação tanto do conhecimento como da política, sem ceder ao realismo do inevitável produzido pela fascinação tecnológica, e sem deixar-se apanhar na cumplicidade discursiva da modernização neoliberal – racionalizadora do mercado como único princípio organizador da sociedade em seu conjunto – com o saber tecnológico, segundo o qual, esgotado o motor da luta de classes, a história teria encontrado seu substituto nos avatares da informação e comunicação?” Esta é a mudança, para mim. E isto é o que nos situaria no presente.

■ *Graças à tevê a cabo, programas de vários países, sobretudo dos Estados Unidos, são cada vez mais vistos pela classe média brasileira e, imagino, de outros países da América Latina. Em paralelo, há o fenômeno da expansão do acesso à internet. O Brasil tem hoje 65 milhões de pessoas acessando a internet*  
— Quase 35% da população.

■ *O que isso muda na configuração das matrizes comunicativas da cultura?*

— No meu novo mapa [ver página 12] temos: tempo, espaço, migrações, fluxos. Então as mediações passam a ser transformação do tempo e transformação do espaço a partir de dois grandes eixos, ou seja, migrações e fluxos de imagens. De um lado, grandes migrações de população, como jamais visto. De outro, os fluxos virtuais. Temos que pensá-los conjuntamente. Os fluxos de imagens, a informação, vão do norte ao sul, as migrações vão do sul ao norte. E há a compressão do tempo, a compressão do espaço e é aí que eu recomponho as duas mediações fundamentais hoje: a identidade e a tecnicidade – eu adoto essa palavra não por esnobismo, mas sim porque um antropólogo francês, André Leroi-Gourhan, contemporâneo

de Marcel Mauss, forja a ideia de que a técnica entre os “povos primitivos” também é sistema, não apenas um conjunto de ferramentas. Eu ligo tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade. Por exemplo, a quantidade de adolescentes que inventam uma personagem para si mesmos é impressionante. Fiz uma pesquisa em Guadalajara sobre o acesso dos adolescentes à internet e constatei que era enorme a quantidade de meninas de 15 e 16 anos que fabricavam para si uma identidade de homem para escreverem a mulheres da Suécia. As mães quando descobriam diziam “não é minha filha”, não conseguiam acreditar.

■ *É um campo livre de experimentação e invenção.*

— Sim, o próprio “eu” é o campo de experimentação. Portanto, a questão da identidade cultural hoje está sofrendo, na base da identidade subjetiva, uma transformação gigantesca. Porque os modelos de conduta, os padrões de conduta de que falavam Parson e Piaget não funcionam. Nós, os pais, não somos mais os modelos de nossos filhos, a televisão acabou com isso. Os modelos são os seus contemporâneos: ginastas, cantores, atrizes, jogadores de futebol, esses são os padrões de conduta, são seus pares. Então eu junto em meu mapa tecnicidade e identidade, ponho ritualidade ao lado de cognitividade. Retiro dele as duas mediações que eram mais sociais, institucionalidade e socialidade, para colocar a transformação.

■ *Então, se colocamos seu mapa anterior junto com o novo temos qual foi o trânsito para a transformação ocorrida.*



— Temos quais são as chaves da mudança. Ela é muito maior do que estamos pensando na comunicação. O filósofo basco Javier Echeverría, em *El tercer entorno*, um de seus livros mais importantes, afirma que o ser humano habitou durante milhares de séculos um entorno natural. A partir dele conseguiu sobreviver e passar de nômade a sedentário. Depois de centenas ou milhares de séculos, criou a cidade. E a cidade, desde suas formas mais primitivas, é o lugar das instituições políticas e culturais. Esse é o segundo entorno, urbano, ligado às instituições da família, do trabalho, da religião, da política. Hoje estamos assistindo à emergência de um novo entorno que se chama tecnocomunicativo.

■ *Não lhe parece que esse conceito tem parentesco com a noção de bios midiático de Muniz Sodré?*

— Sim, é isso, a imersão não é pontual, na base do eu ligo, desligo. Assim como estou imerso na natureza e nas instituições, agora estou imerso nesse terceiro entorno. Eu não posso ligar o computador sem saber que sou visto. Vejo, mas sou visto, não há forma de impedir isso.

■ *É um mundo de total visibilidade.*

— É um mundo onde somos vistos e vemos. E vemos ativamente. Produzimos visibilidade. Construímos visibilidade para nós e outros. A ideia importante então é o “entorno”, o novo ecossistema. Não podemos mais falar de comunicação como um conjunto de meios, e tal como são eles não duram mais 10 anos. É uma mudança de tempo, lembre-se. Passamos do sino do convento que na Idade Média dizia aos camponeses quando deviam levantar, rezar, comer, dormir, ao rádio, tempo da notícia, da radionovela, da música, das dedicatórias aos noivos... E a televisão potencializou mais essa marcação.

■ *E o que é hoje o nosso “sino da igreja”?*

— Não existe mais. Há uma liberação do tempo e, simultaneamente, uma mobilidade que comprime o tempo – cada vez temos menos tempo. De fato, se o capitalismo não tivesse enlouquecido quando o Muro de Berlim caiu, se tivesse tido um pouco de visão histórica, em vez de produzir a crise em que estamos mergulhados, teria criado um modelo no qual a humanidade trabalharia quatro horas, e não oito. Mas se pôs a produzir dinheiro com dinheiro, sem produzir nada. Então, há uma transformação radical do tempo e do tempo de trabalho.



Hoje estamos assistindo à emergência do entorno tecnocomunicativo.

Assim como estamos imersos na natureza e nas instituições, agora estamos também nesse terceiro entorno

■ *Mas a ideia de que o tempo de trabalho diminuiria parece morta a essa altura.*

— Sim, porque a morte é outra. A morte é a saída do mundo do trabalho de milhares. O ideal do capitalismo, enquanto existia o socialismo real, era o pleno emprego. O ideal era incluir, agora não, agora se desconecta e a população que trate de saber como viverá.

■ *Nessa sua análise do encolhimento do trabalho, fica só uma visão pessimista?*

— No último número de uma revista brasileira [*Cult*], Zygmunt Bauman cita uma coisa que aprendi diretamente de Gramsci. Ele entende a crise como sendo um tempo em que o velho já se foi, mas o novo não tem forma ainda. Portanto estamos habitando algo para que ninguém nos preparou, segundo minha amiga Hannah Arendt, que é a incerteza. Ninguém no cristianismo nem no marxismo nos ensinou a conviver com a incerteza. Então, eu habito um tempo de profunda incerteza. Não é uma incerteza que me dá o direito de fazer o que tenho vontade porque não sei para onde vai o mundo, e então passo a me dedicar aos grandes prazeres intelectuais, corporais, eróticos, o que seja, porque nada vale a pena. Desconfigurou-se aquilo em que eu acre-

ditava, aquilo que eu cria que sabia. Creio que a minha incerteza é não otimista, mas esperançosa. Sabe como tinha esperança um judeu ateu chamado Walter Benjamin? Sem esperança os judeus não existiriam. Veja o que disse Benjamin: “Não podemos viver sem esperança, mas a esperança só nos é dada pelos desesperados”. Eu vejo cada vez mais desesperados no mundo e daí a minha esperança cresce. Porque são pessoas que, à sua maneira, estão se rebelando, estão inventando.

■ *Como essa sua visão filosófica flui para o campo dos estudos de comunicação?*

— Percebi que eu só quero pesquisar o que me dê esperança. Temos que pesquisar não só o que permite denunciar, mas o que permite transformar, mesmo em pequena medida. Eu sempre recorro a uma teoria não escrita brasileira, a teoria das brechas, segundo a qual todo muro, por mais maciço que pareça, tem sempre uma brecha que alguém pode aumentar para derrubá-lo. Eu transmito cada vez mais esperança. Cada vez ponho mais paixão no que digo, porque é a única maneira de fazer as pessoas perceberem algum valor no que digo. A paixão é contagiosa, não se deve pedir desculpas pela paixão.

■ *Em termos práticos, que pesquisas suas consideram essa ideia da esperança?*

— Dois temas. Um é o das transformações tecnológicas. Eu faço uma relação provocadora: García Márquez, quando ganhou o Prêmio Nobel, em seu discurso começou perguntando se os povos que tinham sofrido 100 anos de solidão teriam uma segunda oportunidade sobre a terra. Eu, agora, respondo que sim. Porque aquela cultura que foi desprezada pelos intelectuais da cultura letrada, que é a cultura visual, a cultura oral, sonora e gestual, agora elas entram como cultura pela internet e se juntam no hipertexto. Como disse Manuel Castells, o computador acabou com a separação dos dois lados do cérebro: o lado da razão, da argumentação, e o lado da paixão, da imaginação, que agora estão juntos. A imaginação não é mais um poder dos poetas e dos artistas. Então, viso às novas tecnologias enquanto permitem uma apropriação que, por sua vez, permitem a hibridação, a mestiçagem das culturas cotidianas da maioria com o que era a cultura da pequena elite que tinha a escritura. O segundo tema, as mudanças de sensibilidades das pessoas jovens, aparece no título do livro que estou preparando: *Sentidos da técnica e figuras do sensível*. ■